

Hoje fui testemunha de uma cena triste...

Peguei carona com a mãe de uma aluna até Itaipu, já que meu carro estava com a minha filha.

Eu, Karla e Isadora que é minha menina desde pequena. Vinhamos pela avenida do canal de São Francisco até que paramos no último sinal antes de subirmos a Estrada da Cachoeira.

Fomos abordadas por um senhor e duas crianças que nos pediu dinheiro, alegando não ter como comprar remédio para o caçula que estava em seu colo. Comum hoje isso, né?

A mãe de minha aluna disse que não tinha ali nenhum trocado. O homem colocou a criança no chão e ordenou as duas que fossem para a calçada... Isso em questão de

minutos. Nos mostrou uma arma e nos ameaçou: queria a qualquer preço o dinheiro que tivéssemos ali.

Isadora caiu aos prantos. Eu fiquei muito nervosa e Karla, muito calma, tentou argumentar com aquele pobre coitado. Mas de nada adiantou. Ele estava muito nervoso.

O sinal abriu. Todos assistiam à cena e agiam como se nada estivesse acontecendo. Isso às 19h. Trânsito intenso. Muita gente na rua.

A menina abriu a janela de trás do carro e perguntou ao cara porque ele fazia aquilo. Ela chorava copiosamente.

Ele lhe respondeu que tinha fome, que estava desempregado e não sabia o que fazer com aquelas duas crianças que foram abandonadas pela mãe e estavam sob a sua responsabilidade.

Isadora tirou da sua mochila uma nota de dez reais e ofereceu ao pedinte que já mostrava sinais de medo, de muita angústia e tristeza.

Olhando aquilo, ele abaixou a arma, agradeceu à menina e foi embora sem aceitar o dinheiro da Isadora. Agarrando a criança menor e enxotando a maior como se tivesse envergonhado pelo que fizera, saiu em direção ao final do canal, uma rua estreita que dá para o morro da Grota, muito conhecido aqui em Niterói.

Foi uma situação constrangedora. Ficamos paralisadas diante do fato. Só aí começaram as buzinas a soarem apressadas. Entramos no posto que fica ali ao lado e paramos o carro para nos recuperarmos do susto.

Isadora manteve-se de cabeça baixa. Uma adolescente de apenas 14 anos não conseguiu esconder sua amargura e disse à mãe o quanto estava agoniada com o que antes ela

só lia em jornais e via na TV: uma cena cotidiana de uma cidade que vive o caos de todo dia, um fato que se tornou corriqueiro visto por muitos e banalizado por todos.

Tomamos água, conversamos com os frentistas e seguimos viagem. Afinal, amanhã seria um outro dia e, quem sabe, o senhor não conseguiria o remédio de outra forma ou, talvez, voltasse ao sinal mais tarde e assaltasse alguém menos sensível e mais apavorado que não perguntasse nada nem se preocupasse com a sua vida nem com os seus problemas.

(Bia Carvalho)